SUMÁRIO

Apresentação, 7

Abertura dos trabalhos, 9

Palavras iniciais de Divaldo Franco, 15

Perguntas e Respostas, 25

Palavras finais de Divaldo Franco, 87

Encerramento dos trabalhos, 93

Abreviaturas e siglas utilizadas, 97

Índices onomásticos, 101

Índice temático, 107

ABERTURA DOS TRABALHOS

Altivo (Vice-Presidente da FEB):

– Prezados confrades, membros e convidados da reunião do Conselho Federativo Nacional, demais companheiros do Movimento Espírita aqui presentes, a todos, boa-noite!, muita paz em Jesus!

Nós vamos fazer, hoje, um diálogo entre o Divaldo Pereira Franco e os membros do Conselho Federativo Nacional.

Esclarecemos isso porque temos um público maior, mas o objetivo é exatamente permitir que os companheiros do Conselho Federativo Nacional formulem ao Divaldo questões relacionadas com a Doutrina e o Movimento Espírita. Por isso não vamos abrir as perguntas para os demais assistentes, embora nos mereçam todo respeito e consideração. E vamos estabelecer, também, alguma forma de organização: procuraremos ser bastante democráticos, mas democracia com ordem (risos).

Como nós somos 30 órgãos ligados ao Conselho Federativo Nacional, mais os dirigentes da FEB e convidados, precisamos manter certa ordem e determinado tempo para que se realize o nosso trabalho.

Assim, pedimos que cada delegação só faça uma pergunta e, além do mais, faça realmente uma pergunta. Não faça primeiro a resposta de como pensa e depois formule a pergunta, para ver se o Divaldo pensa igual. E nem, tampouco, vamos usar do artifício de fazer três perguntas em uma,

que é uma maneira de "furar" o processo, prejudicando os demais companheiros que querem também falar.

Está bom assim? Então, procuremos fazer as perguntas bastante objetivas e a respeito da Doutrina e do Movimento Espírita. Os casos especiais e particulares poderão ser tratados com o Divaldo, porque ele vai ficar conosco até segunda-feira. Com isto, nós ganharemos em objetividade e todos lucraremos, pois o objetivo aqui é como se nós estivéssemos na continuação de uma reunião do Conselho Federativo Nacional, tendo o Divaldo a nos fazer a sua exposição.

Essa regra do jogo está boa? Porque depois que aceitarem a regra, não poderão reclamar do coordenador (risos).

Vamos começar nosso trabalho, com uma prece.

Vamos elevar o nosso pensamento ao Senhor – todos permaneçam como estão – e pedir ao Mestre Jesus, que tantos benefícios tem propiciado a esta reunião do Conselho Federativo Nacional, a todo o trabalho que se desenvolve desde aquele 5 de outubro de 1949 – quando foi assinado o *Pacto Áureo*, o Acordo de Unificação do Movimento Espírita brasileiro –, para que os benfeitores espirituais que inspiram e orientam este Movimento, em nível nacional e em nível dos Estados que compõem este colegiado extraordinário, que é o Conselho Federativo, possam estar conosco, tam-

bém nesta noite, a fim de que através da palavra esclarecida, iluminada do nosso irmão Divaldo, possamos nós, ó Senhor, receber as instruções, as diretrizes e a inspiração que dimanam de Vós e chegam até nós por meio dos vossos Emissários. Na vossa paz, Senhor, iniciamos a nossa tarefa.

Nosso irmão José Carlos[1] , que está aqui conosco, vai exercer uma espécie de secretaria para controlar a ordem das questões que forem formuladas ao Divaldo.

O Divaldo está com a palavra. Ele vai primeiro fazer uma exposição e, depois, responderá às questões.

[1] José Carlos da Silva Silveira, diretor da FEB.

PALAVRAS INICIAIS DE DIVALDO FRANCO

DIVALDO:

– Meus queridos irmãos, que o Senhor Jesus nos abençoe e nos dê a sua Paz.

Quase todos nós conhecemos o escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, particularmente pelo extraordinário livro com que ele nos brindou: *O Pequeno Príncipe*.

Provavelmente, alguns ignoremos que Antoine de Saint-Exupéry, além desta obra, escreveu outras, mas antes se notabilizou como pioneiro da aviação comercial no mundo. Ele foi destacado, pelo Governo Francês, para fazer a linha aérea de correios entre Paris e Dakar.

Jovem, entusiasta, havia abraçado o Agnosticismo. O conceito de religião, de divindade, para Antoine de Saint-Exupéry, era aquele de que tudo se tratava de uma coisa secundária. E, graças a isso, o seu comportamento estava pautado nas suas convicções.

Oportunamente, fazendo a longa viagem, acompanhado pelo mecânico de bordo em um avião monomotor, ele foi vítima de uma pane no motor, e o avião caiu no Deserto do Saara.

Preparou-se para morrer, porque ali não havia mais a mínima possibilidade de sobrevivência. Durante o dia, as temperaturas muito altas e, durante a noite, as temperaturas em graus negativos Celsius. Tudo indicava a morte inevitável. E Antoine de Saint-Exupéry, com seu mecânico, passaram a primeira noite de angústia.

No dia seguinte, quando começou o Sol a dardejar e ele já esperava a morte, foi surpreendido pela presença de um pequeno rato do deserto que transitava pelas dunas. Então, ele teve uma inspiração e, de imediato, deu-se conta de que, se havia um animal, havia água, e, por certo, havia uma possibilidade de vida. Ele acompanhou aquele animalzinho correndo pelo deserto e foi até uma colônia muito especial.

Uma das dunas tinha uma postura inesperada, porque elas são sempre móveis por causa do Simum – o vento tórrido do Saara. Mas aquela parecia fixa, porque, numa de suas faces, havia umidade e, na umidade, havia vários gravetos, nos quais estavam as presenças das vidas através de caracóis. Muitos caracóis ali estavam, e os ratinhos que formavam a comunidade alimentavam-se de uma forma muito especial. Eles se alimentavam dos caracóis velhos e poupavam os novos.

E, Exupéry, passando o dia a observar aquilo, foi tomado de espanto. Então, ele teve um *insight* e deu um grito: era possível haver Deus!

Como aquele animal podia entender de sobrevivência?! Se ele devorasse os caracóis mais novos, naturalmente se extinguiria a colônia, que era a fonte de vida, e todos morreriam!

Tomado agora de júbilo, saiu a correr e a gritar, quando viu, a distância, o seu amigo, acenando com uma camisa.

Lá estava o mecânico de bordo, que gritava. O avião estava funcionando. Em determinado mo-

mento, ele moveu a hélice e, naturalmente, o motor pegou.

Era um milagre! Ele correu, alcançou o avião e teve a sua vida salva. Chegou a Dakar, continuou seu ministério e celebrizou-se.

Nessa oportunidade, ele foi convidado pelo Governo Argentino para inaugurar uma linha aérea Buenos Aires–Uchuaia, na Patagônia, o ponto mais austral do Continente Sul Americano. Na Argentina, ele encontrou a mulher ideal, com quem se consorciou. Transferiu-se para Paris, construiu a sua família e, nesse ínterim, experimentou um grande abalo moral, dificuldades no relacionamento, problemas conjugais.

Estava numa fase de depressão, quando veio a Revolução Espanhola. Exupéry era um idealista, ele acreditava na democracia, nos direitos humanos e, ante a agressão do generalíssimo Franco, desejando instaurar a ditadura – o que se deu –, ofereceu-se, como voluntário, aos nacionalistas espanhóis, para defender com eles os direitos da liberdade.

Viajou para a Espanha e foi para o campo de batalha, oferecendo seus préstimos como aviador.

Sendo, porém, mais poeta que estrategista militar, na primeira refrega caiu prisioneiro. Foi levado a um conselho de guerra e, imediatamente, julgado e condenado à morte por fuzilamento.

Ele era estrangeiro e estava do outro lado, do lado dos inimigos da Revolução. Foi atirado num catre miserável, num subterrâneo. E ali, então, nu-

ma noite inesquecível, clareada por archotes fumegantes, deu-se conta da peculiaridade, na qual estava envolvido.

Mais tarde, Frankl, o psicanalista e psiquiatra austríaco, terá ocasião de dizer que uma das técnicas dos nazistas para destruir o ser humano era tirar-lhe a identidade, numerando-o.

Quando o indivíduo perde a sua identidade, ele se *coisifica*, perde a sua realidade de criatura humana.

Os nazistas faziam-no quando despiam o prisioneiro e lhe tatuavam no braço um número. Ele deixava de ser gente para ser apenas um número.

Foi também o que fizeram os espanhóis com Antoine de Saint-Exupéry: despiram-no e deram-lhe um uniforme rasgado que tinha um número.

Ele não era gente. Matar aquela coisa era perfeitamente natural.

Ele tinha o hábito do cigarro, era sua bengala psicológica e, ali no cárcere, procurou revolver os trapos e encontrou uma baga de cigarro amassada.

Era um nada, mas para o homem dependente do tabaco aquilo significava algo. Ele tentou desamassá-la, colocou-a nos lábios e olhou o soldado.

O soldado era um desses jovens fanáticos que estava na Revolução, cujo semblante patibular aparentava ser um morto que respirava.

Exupéry tentara chamar-lhe a atenção de toda forma, mas ele não se virou. Então Exupéry,

com o cigarro na boca, deu-se conta de que não tinha como acendê-lo. Pigarreou e o soldado olhou. Quando olhou, ele sorriu.

(Mais tarde, ele contará a história num pequeno livro chamado *O Sorriso.*)

Ele sorriu e o soldado ficou imperturbável. Era um sorriso canhestro, uma forma de entrar em contato. Mas o soldado continuou na sua tarefa cruel de guardar o prisioneiro. Tinha ordens para matá-lo, caso ele tentasse fugir.

Porém, é da psicologia, que quando nós somos atraídos por alguma coisa e desviamos o olhar, voltamo-nos a conferir. E o soldado voltou a olhar e ele, agora, já não tinha mais nada a perder.

Sorriu naturalmente. Sorriu cheio de alegria. Que importava? – iria morrer...

O soldado perturbou-se. Então, ele perguntou:

– "Você tem fogo?"

Falava muito mal o espanhol.

O soldado, sem lhe dizer uma palavra, acercou-se-lhe e tomando do isqueiro, preparou-o e, através das grades, acendeu-lhe a baga de cigarro.

Ele tirou a primeira baforada. Agora já estava apoiado na sua necessidade psicológica, a "bengalinha".

Olhou para o soldado e perguntou-lhe:

– "Você tem filhos?"

O soldado meneou a cabeça afirmativamente.

E ele manteve, mais ou menos, o seguinte diálogo:

– "Amanhã você vai abraçar os seus filhos. Eu também sou pai. Eu tenho filhos. Só que amanhã, pela manhã, eu não abraçarei os meus filhos... Há uma diferença entre mim e você. Você escolheu a coisa errada, na hora certa; eu escolhi a coisa certa, na hora errada. Você escolheu a ditadura, no momento do poder arbitrário do General e eu escolhi a Democracia, no momento errado da dominação arbitrária. Quando você for abraçar os seus filhos, diga-lhes que um homem idealista morreu, porque acreditou na Democracia, porque você que abraçou a causa errada, na hora certa, foi o guarda que o levaria ao pelotão de fuzilamento. Diga isto e, ao abraçar os seus filhos, lembre-se de que um cidadão nunca mais abraçará os seus filhos."

E, quando olhou através do lusco-fusco das labaredas, percebeu que o soldado estava chorando. Eram lágrimas longas que se distendiam das comportas dos olhos e corriam pela face.

Inesperadamente, sem dizer uma palavra, o soldado tomou o molho de chaves, abriu o cadeado, puxou a lingüeta, abriu a porta da cela, segurou-o com brutalidade e ele teve a idéia de que iria morrer.

O soldado deveria estar sentindo-se ofendido. Arrastou-o por aquele dédalo de corredores escuros e escadarias e o levou lá fora, numa noite fria, com uma lua pálida e ele teve a certeza de que iria

ser fuzilado. O soldado diria que ele tentou fugir e que a sua única alternativa foi matá-lo.

Então, o soldado apontou os Pirineus, a fronteira natural entre a França e a Espanha, e disse-lhe, sem palavras, que fugisse.

Exupéry entendeu que iria ser fuzilado pelas costas. Foi saindo sem dar-lhe as costas.

O soldado continuava em pé. Parecia uma estátua, sem movimentos.

A uma distância regular, ele correu e, de longe, olhou para trás.

O soldado acenou-lhe um adeus.

Ele atravessou os Pirineus e chegou à França.

Mas, entendeu, também, que por causa do abraço nos filhos, de um sorriso, tinha conseguido a sua vida. Porém, o soldado, por certo, morreu. Ele deixou o prisioneiro fugir e deve ter sido fuzilado. Foi uma vida, por outra vida.

E no seu livro *O Sorriso*, Exupéry diz suavemente: "um abraço..., quando abraçar os seus filhos..." Então, ele deixou essa mensagem do sorriso e do abraço.

Nós vamos pedir aos senhores que se abracem...

– Agora!

Altivo:

– A partir de agora, o Divaldo estará à disposição dos companheiros do Conselho Federativo Nacional, representantes das Federativas e das

Entidades Especializadas de Âmbito Nacional, dos dirigentes da FEB e dos convidados para responder às questões que lhe forem formuladas.

O José Carlos está com a tarefa de ir anotando os nomes. Vamos levantando a mão e cada um, por obséquio, até para identificação junto aos companheiros que estão assistindo o nosso trabalho, identifique o nome do Estado e o nome do inquiridor.

Inquiridor e não inquisidor (risos).